

O PAPEL DA MÍDIA, DA FAMÍLIA E DO BAIRRO NA FORMAÇÃO DE JOVENS POBRES

VENAS, Ronaldo Figueiredo – UFBA
rvenas@ufba.br

Área Temática: Cidadania e Mídia
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este artigo discute a partir da análise da pesquisa que vem sendo desenvolvida no Mestrado sobre a importância de refletir sobre: o papel da mídia, da família e do bairro na formação dos jovens. O papel da mídia na distorção de valores e a transformação dos bandidos em mocinhos têm, cada vez mais, contribuído para uma aceitação, por parte do público, de atitudes ilícitas de personagens de novelas e filmes como moralmente aceitas, contribuindo, assim, para a construção de conceitos, preconceitos, estigmas e estereótipos em todas as camadas que têm a TV como único meio de informação e entretenimento. O papel da família comumente levantado pela literatura sobre causa externa à violência escolar é a violência familiar. Apesar de não se ter dados conclusivos sobre a relação direta entre famílias agressivas e a agressividade dos filhos no ambiente escolar, muito vem sendo produzido a respeito do tema. O papel do bairro que não tendo o Estado capacidade de corresponder à expectativa da população cria uma fragilidade do ente público, desenvolvendo um tipo de “cidadania capenga” ou “cidadania de segunda classe”, pois existem aqueles que podem ter acesso aos serviços do estado e os que têm acesso parcial ou mesmo acesso negado. Em bairros populosos de ruas estreitas e/ou movimentadas, sem esgotamento sanitário nem espaços de lazer e onde o crime ocorre cotidianamente como fenômeno natural. Os jovens ficam cada vez mais expostos a violência. Por isso, acreditamos na escola como instituição socializadora que ofereça as crianças e jovens um papel de participação ativa em sua comunidade e de acesso a uma outra realidade mais lúdica no processo de sua formação como cidadãos.

Palavras-chave: Influência da mídia; papel da família; importância do bairro.

O papel da mídia

A mídia há muito tempo vem sendo alvo da atenção de pesquisadores desenvolve-se; desse modo, têm-se desenvolvido estudos sobre a influência que a TV tem sobre as crianças e jovens desde a década de 90. Tentaremos, então, identificar a relação existente entre violência e mídia.

Segundo Ristum (2003, p.182), que publicou artigo sobre a relação entre a violência e a instituição escolar, em uma passagem citando Cruz e Souza,

no Brasil, os meios de comunicação assumem o papel de formadores de consciência, já que a escola é fraca e as crianças passam grande parte do seu tempo livre à frente da televisão. Os programas e os noticiários da TV fazem apologia do dinheiro e da violência, elevam criminosos à condição de heróis e apresentam modelos de violência, especialmente em filmes e novelas.

A distorção de valores e a transformação dos bandidos em mocinhos têm, cada vez mais, contribuído para uma aceitação, por parte do público, de atitudes ilícitas de personagens de novelas e filmes como moralmente aceitas, contribuindo, assim, para a construção de conceitos, preconceitos, estigmas e estereótipos em todas as camadas que têm a TV como único meio de informação e entretenimento.

Desse modo, entretenimento e informação se misturam, pois “a mídia tem uma enorme capacidade de ampliar o mundo social das pessoas, já que, sem ela, o alcance que se tem dos acontecimentos é bastante reduzido”. (RISTUM & BASTOS, 2003)

No entanto, é por meio da mídia que, desde a década de 90, tem se tornado freqüente a atuação de comunidades carentes, que agem de modo desordenado ou organizado, utilizando essa caixa de ressonância para se fazer ouvir, muito embora, algumas vezes, tenham que agir de forma violenta para se fazer notar.

Como a mídia é o espelho que reflete o real, o imaginário e o simbólico social, estes padrões de comportamento logo passam a ser considerados pela massa como uma via alternativa para a conquista de voz e vez no discurso social, recorrendo, assim, à violência como instrumento de luta para a conquista de direitos de cidadania espoliados pela injustiça social. A violência assume, assim, o papel vicariante e espúrio de via de descarga de tensões, ódios, revoltas, protestos, inconformismos, reivindicações, conquista, afirmação, posse, etc. resultados de traumas e carências não resolvidas afetiva, social e politicamente. (ATAÍDE, 2000, p. 12).

Essa relação das classes populares com a mídia reforça a imagem que está sendo construída desde a década de 80, formando opinião. Sposito (2001) afirma no seu artigo que há duas décadas a escola pública começa a ir para os noticiários sempre por motivos ligados à depredação do patrimônio, depois à violência.

Além do uso da mídia como mecanismo de protesto, existem outros aspectos tratados pela literatura, entre eles a influência da mídia no comportamento dos jovens, fortalecendo comportamento individualista e consumista. O mundo das grifes estimula o jovem a ter, cada vez mais, marcas que possibilitem um status, pois o universo que ele valoriza reflete tais marcas. Desse modo, por meio das “propagandas que promovem o

consumismo e programas que valorizam os padrões de vida das classes de nível sócio-econômico elevado”(RISTUM; BASTOS, 2003, p.184), o individualismo de massa se configura como um mundo do qual ninguém quer estar fora.

Peralva (2000), discutindo a relação entre a violência e o consumo entre jovens, destaca os meios de comunicação de massa na formação de uma mentalidade reguladora desse sistema.

Hoje, os jovens pobres urbanos brasileiros com frequência combinam o trabalho com uma escolaridade bem mais longa do que aquela de que puderam beneficiar-se seus pais. Isso lhes permite regular sua relação com o consumo e formular projetos, articulando meios e fins. A escala modesta em que esse exercício se efetua em nada contraria sua natureza virtuosa. Essas mudanças se inscrevem na perspectiva de uma homogeneização cultural crescente: elevação das taxas e dos níveis de educação e influência dos meios de comunicação de massa. (p.31)

Apesar dessa regulação apresentada por Peralva (2000), deve-se perceber os efeitos nocivos existentes no processo do consumo exacerbado: a predominância do TER sobre o SER, de tal maneira que jovens de classe média estavam sendo mortos por usarem tênis de grife. A importância dada ao TER transforma as pessoas em coisas expostas no mercado invisível, prontas também para ser consumidas, tal qual qualquer outro objeto.

Ataíde (2000), discutindo sobre as causas da violência e o processo de construção da cultura de paz, acredita que a mídia pode influenciar os jovens negativamente, contribuindo, desse modo, para a construção de uma sociedade onde tudo é efêmero e superficial.

O império dos sentidos, do hedonismo, do provisório, do efêmero e do descartável, assumem a hegemonia do sentido da vida, na qual cada um deve vorazmente promover os meios materiais para possuir cada vez mais e ganhar cada vez mais para, em contrapartida, consumir mais. (p. 13)

Além dessa relação com o consumo, existem outras influências que articulam diretamente violência e mídia; assim, estudos foram realizados no sentido de tentar comprovar tal relação e definir essa situação. Especialmente no campo da psicologia.

Gomide (2000, p.8) apresentou trabalho de pesquisa mostrando a influência que filmes violentos em comportamentos agressivos de crianças e adolescentes podem sofrer, segundo o autor:

Os efeitos de filmes pornográficos pesquisados demonstram que, embora a observação de vídeo erótico, não violento, não gere comportamento violento subsequente, cenas que envolvem estupro foram associadas positivamente com o aumento de respostas agressivas. Isso foi verdade mesmo quando os participantes não tinham motivo de terem raiva da vítima. As cenas pornográficas-agressivas também eliciaram mais agressão contra mulheres do que contra homens. Homens após assistirem filmes com estupro, mostraram maior tendência a estuprarem mulheres do que aqueles que não assistiram a este tipo de filme.

É importante salientar que, mesmo diante dos resultados de Gomide frente ao tema, a pesquisa deve ser vista com cautela, pois apesar de todo o rigor no seu desenvolvimento, o objeto de nossas reflexões são os homens, que têm influências diferentes frente a estímulos diferentes, não sendo possível garantir, desse modo, que outro grupo produziria o mesmo resultado encontrado pelo autor, devido aos fatores de idade, medos, classe social, informação.

Além disso, não podemos determinar que todas as pessoas que assistem a filmes pornográficos ou violentos se tornem violentas, pois estaríamos tomando os sujeitos como seres passivos e ignorando sua capacidade reflexiva e suas possibilidades de interagir em outros ambientes além da mídia.

O papel da família

Outro aspecto comumente levantado pela literatura sobre causa externa à violência escolar é a violência familiar. Apesar de não se ter dados conclusivos sobre a relação direta entre famílias agressivas e a agressividade dos filhos no ambiente escolar, muito vem sendo produzido a respeito do tema.

Assim como o conceito de família mudou, é importante investigar o sentido dessas novas configurações na sociedade atual. A família nuclear não é mais encontrada como padrão dominante. A existência do modelo “pai/mãe/filhos” passou a conviver com outras configurações familiares.

A essas novas estruturas Gomes (2006) denomina de “configurações”, pois não deixam de incluir as famílias nucleares, compostas por pais, mães e filhos, mas permitem um sentido mais amplo que o comumente aceito.

Segundo a autora, englobam, também, as famílias monoparentais, e as mais novas, decorrentes das reorganizações realizadas por pais separados que refizeram suas vidas com outros parceiros, e que passaram a aglutinar, num mesmo espaço, seus múltiplos filhos, além de agregarem seus(as) novos (as) parceiros (as), os ‘padrastos’ e ‘madrastas’, entre outros entes familiares. (GOMES, 2006, p. 52)

Essas formações ocorreram em função não apenas de casamentos desfeitos, mas sobretudo de uma nova dinâmica social, pois evidencia-se a presença de avôs, avós, irmãos e irmãs que cuidam dos mais novos, além da presença de casais homossexuais que passam a formar esse novo tipo de modelo familiar.

As pessoas passaram a realizar a reconstrução de suas relações sociofamiliares e estas cresceram muito nos últimos anos, como formas de restabelecimento de novos vínculos afetivos, de solidariedade e de companheirismo. Destas relações surgiram as novas configurações familiares. (GOMES, 2006, p. 54)

Borges, que apresentou artigo de sua pesquisa em 12 distritos sanitários de Salvador, relaciona a importância da família ao violências domésticas. A autora informa que, apesar de não ter o modelo nuclear, “os estudantes pesquisados não demonstraram maiores preocupações com a estrutura de suas famílias”.(GOMES, 2006, p. 54)

O estudo acima citado revela ainda que em 43,3% dos domicílios são chefiados por homens, seguidos das mulheres com 31,5 %. Além disso, 75, 9% convivem com até 5 pessoas em suas residências; dessas, apenas em 7, 8% todos trabalham, e em 70, 6% delas apenas duas pessoas trabalham. Esses dados revelam que, refletindo os bairros, as casas também são densamente povoadas.

A maioria das residências não possui quartos individuais ou separados por sexo ou casais, dormindo a maioria no mesmo espaço físico. As pequenas casas não possuem espaço de lazer ou qualquer outro tipo de divertimento que não seja a televisão.

Amazonas (2003), citado por Borges, diz que

As condições físicas da casa influenciam o prolongamento do lar para a rua. Habitações quentes, precárias, pequenas e desconfortáveis fazem com que estas famílias passem parte do seu tempo na rua e vivam muitas de suas experiências ali, junto com a comunidade. (p.62)

É no espaço da casa e, posteriormente, da rua que constroem a sociabilidade assim sendo, nas comunidades populares, a rua é a extensão da casa, fazendo com que amplie, muitas vezes negativamente. O público e o privado se confundem na formação dos jovens. O espaço da casa deixa de ser o local de proteção e amparo, em contraponto ao espaço da rua.

Quando questionados sobre a qualidade do relacionamento com seus pais, 77% dos jovens classificam como ótimo ou bom, enquanto 14, 6% como regular e normal e apenas 1% consideram ruim ou péssimo. (GOMES, 2006, p. 63) A autora questiona essas informações, em virtude dos relatos de agressão de muitos desses jovens:

Dentre os casos de violência física e psicológica, foram identificados pelos pesquisadores (...) agressões muito graves, que deixaram seqüelas físicas e psicológicas severas.(...) foi de um jovem que foi, diversas vezes, agredido de forma violenta pelo pai que era alcoólatra, e que quando chegava em casa agredia fisicamente não só a sua mãe e irmãos, a quem o estudante procurava defender, como ele próprio. A violência nesse caso se agravou de tal forma que o pai chegou a ameaçá-lo de morte, inclusive chegando a esfaqueá-lo, antes que ele fugisse de casa. (BORGES, 2006,p. 71)

Essas agressões sofridas pelos jovens em suas casas questionam o papel da família, pois não é o modelo de família que é decisivo para a saúde física e emocional dos jovens, mas sim a qualidade das relações que essas novas formações familiares são capazes de oferecer aos seus entes.

A casa não deve oferecer apenas a proteção física, mas a sensação de proteção transmitida no carinho, no afeto praticado nas relações. A construção da sociabilidade deve ser feita no lar, no entanto a violência vem marcando física e psicologicamente essas relações, constituindo-se em elemento de formação dos jovens.

As conseqüências da violência que diretamente atingem a saúde da criança ou do adolescente podem ser imediatas, de médio e longo prazo. As imediatas são mais facilmente identificadas, já que tendem a deixar marcas visíveis, principalmente na pele ou no sistema osteo-articular. (REICHENHEIM, et al., s.i., 113)

REICHENHEIM (et al, s.i.), em trabalho publicado sobre a violência familiar, apresenta as formas de atuação para resolução do problema, afirmando que

O engajamento de programas que tenham a família como alvo de intervenção nas estratégias de ação também deve ser considerado, visto que as atividades realizadas tendem a estreitar as relações entre o serviço de saúde e a continuidade; facilitar a identificação de famílias de risco (adolescentes grávidas e famílias onde haja abuso de álcool e drogas ilícitas, por exemplo); possibilitar o levantamento das possíveis redes sociais de apoio disponíveis; e permitir uma frutífera prática interdisciplinar de profissionais envolvidos com o atendimento das famílias. (REICHENHEIM et al, s.i., p. 119)

Essas alternativas surgem como possibilidades de ação, no entanto deve-se levar em conta a necessidade de o poder público se fazer presente para garantir a efetividade delas; além disso, acreditamos que ações localizadas apenas na área da saúde não solucionariam o problema, pois é preciso pensar que esses jovens passam a maior parte do tempo na escola.

“Observa-se na escola um despreparo humano e institucional na adoção de ações que possam prevenir a violência e na prestação de serviços de atenção às suas vítimas.”(GOMES, 2006, p.77) As instituições estão despreparadas e sozinhas no enfrentamento desse tipo de violência, que possui suas particularidades.

Assim, a construção de alternativas passa pela presença do Estado na execução de políticas públicas de saúde e de educação, capacitando seus profissionais para a identificação de sinais e sintomas de agressão e para o seu posterior encaminhamento, de modo que a vítima não fique sozinha nem o agressor impune.

Não existe nenhum dado conclusivo que determine que a existência de violência familiar fará jovens agressivos, contudo, as pesquisas têm demonstrado que os jovens marcados por esse tipo de evento passam a acumular ódio e raiva dos seus agressores, tornando-se desconfiados e arredios.

O papel do bairro na vida dos jovens

O ambiente escolar, assim como muitas questões tratadas internamente, pode estar articulado com a realidade sócio-cultural do bairro onde se situa a escola. As configurações do bairro refletem na escola a dinâmica do seu cotidiano. Desse modo, a relação bairro/ escola deve ser observada, no que tange aos estudos de violência na escola.

Devido às muitas definições que se atribuem a palavra “bairro”, para os fins da pesquisa e com a finalidade de permitir um maior entendimento da violência que ocorre fora e dentro da escola, delimitamos o bairro como todo espaço público ou privado fora

dos limites legais da escola. Assim, compreenderemos esse fator de violência exógena, mas sabemos que os fatores exógenos e endógenos se articulam de forma dinâmica e que muitos dos aspectos abordados aqui e tratados como sendo fora da escola ocorrem dentro da instituição também.

No entanto, toda escola situa-se em um espaço social e territorial cujas características afetam a sua rotina, as suas relações internas e as interações dos membros da comunidade escolar com o ambiente social externo. (ABRAMOVAY; RUA, 2002)

Desse modo, é imprescindível a caracterização do bairro, com a finalidade de situarmos o espaço social que ocupa a escola; assim, definiremos a importância que ela tem dentro do bairro.

Não existem trabalhos que dêem conta da representação dos jovens acerca do bairro, assim como a diferença entre as representações nos diversos bairros, levando em consideração questões sócio-culturais e econômicas; no entanto, existem referências dos trabalhos produzidos informando a situação geral dos bairros de periferia.

Assim, situaremos a nossa discussão em torno das questões relativas aos bairros de periferia, por existirem tais referências, pelo fato de elas comporem a maior parte da nossa cidade e por se tratar do objeto da nossa pesquisa.

A maior parte dos bairros de periferia situa-se em áreas afastadas dos centros urbanos, possuindo características próprias, como a falta de serviços básicos e o fato de seus moradores serem pessoas de com baixo poder aquisitivo.

Cárdia (1997) desenvolveu um trabalho correlacionando a violência urbana e as instituições escolares. Nesse trabalho, ela informa que

...a crise afeta a capacidade do Estado de investir em todas as áreas: saúde, educação, justiça e segurança pública. O Estado não consegue, no processo de consolidação da democracia, aplicar as leis e garantir a segurança da população. Reduz-se não só a capacidade direta do Estado de conter a violência, como também indireta, através do estímulo ao crescimento econômico e, portanto, do mercado de trabalho e da garantia de um mínimo de qualidade de vida à população como um todo, procurando assegurar-lhe acesso universal à infra-estrutura de serviços públicos. Os cortes no orçamento impedem o atendimento da demanda de todo o sistema de justiça criminal; (...). Essa incapacidade do Estado não se restringe(1997, p. 28) a essas áreas, mas atinge todas aquelas que dele dependem – a educação e a saúde são duramente afetadas. (p.28)

Desse modo, o papel do Estado como provedor de serviços públicos, assim como a possibilidade de assegurar a todos os cidadãos o direito a esses serviços, são

comprometidos pela lógica do capital, pois os recursos destinados à infra-estrutura e ao saneamento básico não são aplicados de maneira democrática, prevalecendo os melhores serviços nos bairros de maior poder aquisitivo.

Essa incapacidade do Estado de corresponder à expectativa da população cria uma fragilidade do ente público, desenvolvendo um tipo de “cidadania capenga” ou “cidadania de segunda classe”, pois existem aqueles que podem ter acesso aos serviços do estado e os que têm acesso parcial ou mesmo acesso negado.

Do ponto de vista físico são áreas características por terem pouca infra-estrutura: ruas sem asfalto, sem iluminação pública, de difícil acesso aos carros de polícia, coletores de lixo, ambulância, serviços de entregas em geral; os bairros têm aparência dilapidada – os serviços públicos são escassos e para os funcionários públicos, a designação é um castigo ou punição. (CARDIA, 1997, p. 28)

É importante salientar que muitas das escolas e postos médicos que estão localizados nessas áreas não têm profissionais, pela recusa destes em trabalhar em locais de alta periculosidade. As escolas da rede estadual pagam um percentual de 30% sobre o salário dos professores para estimular a ida desses servidores para tais regiões. A gratificação é conhecida como “difícil acesso”¹.

Peralva (2000), em seu livro, discute a urbanização das cidades e o papel dos movimentos sociais, ressaltando a importância de se considerar determinado local como bairro e da infra-estrutura no imaginário coletivo dos favelados. Segundo a autora,

os movimentos urbanos dos anos 70 também se prolongaram ao longo da década seguinte, inclusive com a formação de movimentos de favelados. Mas, também nesse caso, o próprio da identidade operária em São Paulo é reivindicar a dissolução da favela para transformá-la em bairro ‘normal’. Isso implica obter os títulos de propriedade dos terrenos, ilegalmente ocupados, com a contrapartida do pagamento do IPTU em troca da urbanização viver em favela é considerado em São Paulo situação vergonhosa. (PERALVA, 2000, p. 45).

¹ O professor e o coordenador pedagógico, mesmo no exercício de cargo comissionado do quadro do Magistério Público Estadual do Ensino Fundamental e Médio, que exerçam as atribuições dos seus cargos em Unidades Escolares situadas em localidades inóspitas, de difícil acesso, insalubre, insegura ou de precárias condições de vida, terão assegurados os direitos à percepção de até 30% do vencimento básico do cargo ocupado, na forma determinada em regulamento. (Art. 74”, Seção VI – Afastamentos e Vantagens, Estatuto do Magistério Público do Ensino Fundamental e Médio, 2002).

Essa realidade apresentada por Peralva (2000) vai ocorrer desde o final do século XIX, como cita Chalub² em seu livro *Cidade Febri*: as favelas passam a fazer parte da paisagem, das grandes cidades e, sem nenhum tipo de serviço ou auxílio do Estado, passam a formar a “cidade dos esquecidos”. Marcados pela origem, os favelados passam a omitir e mentir sobre o local onde moram, com medo de perderem o emprego e mesmo de serem considerados de menor valor.

No Rio de Janeiro, os problemas se colocaram de forma diferente. As favelas fizeram parte do desenvolvimento urbano e não são mais consideradas hoje solução transitória de habitação. As mais antigas têm um século de existência. Acompanham *pari passu* a evolução da cidade, a expansão de suas fronteiras, a formação sucessiva de seus novos bairros. São parte importante da identidade carioca. (PERALVA, 2000)

Essa realidade abordada por Peralva se vê repetida na cidade do Salvador, pois muitas favelas tornaram-se bairros sem infra-estrutura e com grande densidade populacional e, com a ausência do poder público, a violência ganhou espaço para atuar.

Espinheira (2004) desenvolveu uma importante pesquisa no subúrbio ferroviário de Salvador, observando a fragilidade da vida humana, a banalização da violência e a intolerância presente nas relações sociais. Destacando o papel dos jovens em seus estudos, o autor comenta que

a taxa de agressividade não só aumentou como ampliou-se na incorporação de adolescentes pela cultura da violência, e é tanto uma resposta às condições a que estão submetidos na vida cotidiana, como também um modo de vida contemporâneo, o anti-heroísmo que excita, a “adrenalina” que mantém a vivacidade no limite, o perigo que encanta e seduz, o que faz com que o efeito se torne causa e produza uma circularidade instituidora da barbárie. (2004, p. 21)

A realidade acima citada se configura na formação dos jovens da periferia. A baixa expectativa em torno das escolas, a violência banalizada pela frequência de ocorrências de cadáveres nas ruas, jovens seqüestrados em suas residências e o assédio frequente do tráfico de drogas compõem o panorama dessa realidade brutal da periferia.

² Chalub (s.i.) publica o resultado de sua pesquisa de doutoramento, na qual retrata o processo de especulação imobiliária que ocorrerá na cidade no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, retirando os pobres e ex-escravos dos casarões abandonados e velhos cortiços no centro da cidade do Rio de Janeiro com a justificativa de cuidados com a saúde pública. Esse processo violento de retirada das classes populares dessas casas para os morros cariocas marcará o início da favelização no Rio de Janeiro e culminará com o enfrentamento da população no episódio que será conhecido como Revolta da Vacina.

Embora saibamos que as condições apresentadas acima formem a grande parte da cidade, que de um modo geral é invisível ao poder público, uma pesquisa realizada em 2002, em todas as capitais brasileiras, sobre a violência nas escolas destaca dados comparativos da situação da capital baiana em relação aos outros estados.

De acordo com Abramovay e Rua (2002), os membros do corpo técnico-pedagógico pesquisado informaram que 76% consideram a localização de sua escola ótima ou boa (índice de satisfação menor em relação à média nacional) e que 24% consideraram ruim ou regular (índice mais elevado de insatisfação). (2002, p.97).

Com relação aos índices de atropelamento de alunos em locais próximos da escola, Bahia, Alagoas e São Paulo empatam em segundo lugar com 19%, tendo o Rio Grande do Sul ficado na frente com 20%. (ABRAMOVAY; RUA, 2002). Isso revela uma absoluta falta de planejamento.

De acordo com os dados da pesquisa acima citada, os entornos das escolas não são locais seguros. Uma das razões é a presença do tráfico de drogas.

Na pesquisa realizada por Borges (2005) em todos os distritos sanitários da cidade e com 1200 alunos do ensino fundamental e médio, demonstrou-se a existência de um comércio extremamente organizado de drogas dentro das escolas. Além disso, tanto a compra quanto a venda estão presentes entre crianças de diversas idades, que conhecem, já utilizaram ou já viram colegas utilizando a droga.

Abramovay e Rua (2002), citando Guimarães (1998), dizem que esse é o tipo de manifestação da violência que é trazida de fora para dentro das escolas, tornando-as sitiadas. O clima de insegurança nos arredores de determinadas escolas tem como agravante a formação de gangues, as quais vão dos grupos de amigos, turmas de bairro, de quadra, até o grupo de bandidos (traficantes, assaltantes e ladrões), que, em muitos casos, contam com alunos como seus membros.

A pesquisa realizada pelo Secretaria Nacional Antidrogas SENAD (2006) na capital paulista aponta que a droga que se dissemina cada vez em maior escala entre os jovens é o álcool. Muitas vezes induzidos pelos pais e pelos amigos, os jovens começam a beber com 12 anos de idade, segundo dados da pesquisa.

O álcool é visto como um rito de passagem entre os jovens; é preciso beber muito e ter relações sexuais para ser visto como adulto. Essa construção cultural e o fato de o álcool ser uma droga lícita contribuem para a venda de bebida a menores, mesmo sendo proibido por lei. Observa-se, porém, no entorno das escolas públicas e particulares de nossa cidade, a existência de bares vendendo bebidas alcoólicas, em

visível desrespeito a resolução municipal que diz que estabelecimentos comerciais que vendem bebidas alcoólicas devem guardar uma distância mínima de 500 metros das instituições escolares.

Considerações Finais

A formação dos jovens ocorre por meio dos elementos que ele tem contato diário, destacamos o papel da mídia, da família e do bairro nessa formação. A mídia veículo importante de comunicação, influencia por meio dos seus anúncios e programas interferindo e definindo novos elementos da cultura como o hedonismo e o consumismo.

A violência é banalizada na mídia, especialmente na televisão onde a violência se transforma em entretenimento para jovens e famílias que não tem acesso a outra forma de lazer.

A televisão também toma o lugar das relações: ocupa os filhos enquanto seus pais estão trabalhando ou envolvidos em afazeres domésticos. Essa relação de confiança com a TV é a garantia de que seus filhos não ficando na rua não se envolverão com o tráfico e com as drogas.

Em bairros populosos de ruas estreitas e/ou movimentadas, sem esgotamento sanitário nem espaços de lazer e onde o crime ocorre cotidianamente como fenômeno natural. Os jovens ficam cada vez mais expostos a violência como um fator da sua formação.

Por isso, acreditamos na escola como instituição socializadora que ofereça as crianças e jovens um papel de participação ativa em sua comunidade e de acesso a uma outra realidade mais lúdica no processo de sua formação como cidadãos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ATAÍDE, Y. D.B. A educação e a cultura de paz. **Revista da FAEEBA**. Salvador: UNEB. Ano 9, no. 14(Jul/dez), 2000.

CARDIA, N. A violência urbana e a escola. **Contemporaneidade e Educação**. Ano II, no. 2, set/97

GOMES, C. B. Família e violência. In: MACEDO, Roberto S et al. **Educação, Tradição e contemporaneidade**: tessituras pertinentes num contexto de pesquisa educacional. Salvador; edufba, 2006

GOMIDE, P. I. C. A influencia de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. **Psicologia: reflexão e Crítica**. V. 13, n. 1. Porto Alegre, 2000.

PERALVA, A. **Violência e Democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REICHENHEIM, M. E.; HASSELMANN, M. H.; MORAES, C. L. Conseqüências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação. **Ciência e Saúde Coletiva**, ABRASCO, 4 (1): 109-121.

RISTUM, M; BASTOS, A. C. A violência urbana e o papel da mídia na concepção de professoras do ensino fundamental. **Paidéia**, 2003, 13(26), 181-189.